

HARUKI MURAKAMI

Crônica do Pássaro de Corda

TRADUÇÃO DO JAPONÊS

Eunice Suenaga

ALFAGUARA



Copyright © 1994, 1995 by Haruki Murakami

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nejimakidori Kuronikuru

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Gustavo de Azambuja Feix

Revisão

Márcia Moura

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Murakami, Haruki

Crônica do Pássaro de Corda / Haruki Murakami ;
tradução do japonês Eunice Suenaga. — 1ª ed. — Rio
de Janeiro: Alfaguara, 2017.

Título original: Nejimakidori Kuronikuru

ISBN: 978-85-5652-056-2

I. Romance japonês I. Suenaga, Eunice. II. Título.

17-08101

CDD-895.635

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura japonesa 895.635

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

PARTE I

La gazza ladra

De junho a julho de 1984

1.

Sobre o pássaro de corda de terça-feira, os seis dedos e os quatro seios

Quando o telefone tocou, eu estava na cozinha preparando macarrão. Estava assoviano a abertura de *La gazza ladra* de Rossini, que tocava no rádio. Uma música perfeita para preparar espaguete.

Pensei em ignorar a ligação. O macarrão já estava quase pronto e a Orquestra Sinfônica de Londres, regida por Claudio Abbado, estava perto do auge. Mas baixei o fogo, fui até a sala e atendi o telefone. Podia ser algum conhecido querendo oferecer um novo trabalho.

— Preciso de dez minutos — sentenciou uma voz de mulher, sem rodeios.

Eu me considero bom em lembrar a voz das pessoas, mas aquela era totalmente desconhecida.

— Desculpe, mas com quem gostaria de falar? — perguntei educadamente.

— Com *voce*. Só preciso de dez minutos. Para a gente se entender direito — respondeu a mulher, cuja voz era grave, macia e misteriosa.

— Entender?

— O sentimento.

Estiquei o pescoço e espiei a cozinha pela porta. O vapor branco subia da panela e Abbado continuava regendo *La gazza ladra*.

— Desculpe, mas agora estou com uma panela de macarrão no fogo. Será que você poderia me ligar mais tarde?

— Macarrão? — repetiu a mulher, abismada. — Macarrão às dez e meia da manhã?

— Isso não é da sua conta. Posso comer o que quiser na hora que quiser — rebati, um pouco irritado.

— Você tem razão — concordou a mulher, com uma voz seca e inexpressiva. A simples alteração de humor fez o tom mudar completamente. — Tudo bem. Volto a ligar mais tarde.

— Espere um pouco — me apressei em dizer. — Se você quer me vender algum produto, não adianta nem tentar. Estou sem trabalho e sem dinheiro.

— Tudo bem. Eu sei.

— Você sabe? O quê?

— Que você está sem emprego. Eu sei. Pode voltar a preparar o seu precioso macarrão.

— Ei, afinal, quem é...

Eu mal tinha começado a dizer essas palavras quando ela desligou o telefone. Sem qualquer cerimônia.

Por um tempo, confuso, continuei olhando o telefone na minha mão, até que me lembrei do macarrão e voltei à cozinha. Desliguei o fogo e despejei o espaguete no escorredor. Por causa da ligação, ele não estava mais no ponto certo, al dente, mas não era tão grave.

Entender?, pensei, enquanto comia o espaguete. Podemos entender bem os sentimentos de alguém em dez minutos? Não sabia o que aquela mulher queria dizer. Talvez fosse só um trote. Ou alguma nova estratégia de vendas. De qualquer forma, não era problema meu.

Mesmo assim, lendo no sofá da sala o romance que apanhara emprestado da biblioteca, fiquei curioso para saber o que poderíamos entender sobre alguém em dez minutos, e volta e meia espiava o telefone. Afinal, o que é possível compreender em dez minutos? Desde o início ela havia estabelecido esse tempo fixo, parecia ter muita certeza desse limite. Talvez nove minutos fossem de menos, e onze, de mais. Como o ponto do espaguete al dente.

Enquanto pensava nessas coisas, perdi o interesse pela leitura. Resolvi passar camisas. Toda vez que eu ficava confuso, passava camisas. Um hábito antigo. Dividia o processo de passar camisas em doze etapas, que começavam no (1) colarinho (frente) e iam até (12) manga e punho esquerdos. Passava sempre respeitando essa sequência, contando cada uma das etapas. Caso contrário, não dava certo.

Passei três camisas, verifiquei que não havia nenhum amassado e as pendurei no cabide. Depois desliguei o ferro e o guardei no armário, junto com a tábua de passar, e então a minha mente parecia ter clareado.

Quando estava indo até a cozinha para tomar água, o telefone voltou a tocar. Hesitei um pouco, mas resolvi atender. Se fosse a mesma mulher, eu desligaria, falando que estava passando roupa.

Mas era Kumiko. Os ponteiros do relógio indicavam onze e meia.

— Tudo bem? — perguntou ela.

— Tudo — respondi.

— O que você está fazendo?

— Estava passando roupa.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou.

Deu para sentir uma pequena tensão no tom de sua voz. Kumiko sabia que eu passava roupa quando me sentia confuso.

— Só passei três camisas. Não aconteceu nada — respondi, me sentando na cadeira e mudando o fone para a mão direita. — O que foi, precisa de alguma coisa?

— Você consegue escrever poesia?

— Poesia? — repeti, assustado.

Poesia? Afinal, que negócio é esse de poesia?

— A editora de um conhecido meu publica uma revista literária voltada para o público feminino. Jovens colegiais, para ser mais exata. Estão procurando alguém para selecionar e corrigir as poesias enviadas pelas leitoras. Também querem alguém que escreva um poema curto todo mês, para ser inserido na contracapa da revista. O trabalho é simples, mas até que eles pagam bem. Claro que é só um bico, mas, se você se sair bem, podem passar trabalhos de editor.

— Simples? Espere um pouco! Estou procurando trabalho na área de direito. De onde você tirou essa ideia de me transformar num corretor de poemas?

— Ué, você não disse que escrevia na época do colégio?

— Claro, mas um jornal. Um jornalzinho de colégio. A classe tal venceu o campeonato de futebol, o professor de física caiu da escada e está internado, coisas bobas assim. Não escrevia poesia. Não consigo escrever poemas.

— Bom, falei poesia, mas não é nada de mais. São apenas poemas voltados para as colegiais. Eles não querem nenhuma obra-prima para ficar na história da literatura. Você entende, não é?

— Mesmo não sendo nada de mais, não consigo escrever poesia de jeito nenhum. Nunca escrevi nem pretendo escrever — respondi, categórico.

Como eu seria capaz de escrever poesia?

— Tudo bem... — suspirou minha esposa, decepcionada. — Mas você sabe que está difícil encontrar um trabalho na área de direito, não é?

— Conversei com algumas pessoas e acho que vou ter uma resposta em breve. Se nada vingar, aí posso até pensar em alternativas.

— Ah, é? Então tudo bem. A propósito, que dia da semana é hoje?

— Terça-feira — respondi, depois de refletir um pouco.

— Será que você pode passar no banco e pagar as contas de gás e de telefone?

— Como daqui a pouco vou sair para fazer compras para o jantar, posso aproveitar e passar no banco.

— O que vamos ter para o jantar?

— Ainda não sei. Vou decidir na hora das compras.

— Sabe, estive pensando... — começou minha esposa, em um tom mais sério. — Acho que você não precisa ter muita pressa para achar um trabalho.

— Por quê? — indaguei, assustado. Aparentemente, todas as mulheres do mundo resolveram me ligar para me dar um susto. — O meu seguro-desemprego uma hora vai acabar e também não posso ficar sem fazer nada para sempre.

— Mas eu recebi aumento. Sem falar que meu trabalho extra está indo bem e temos uma reserva. É só a gente não cometer loucuras que consegue dar conta sem problemas. Você não gosta de ficar em casa, fazendo os serviços domésticos? Não gosta de levar uma vida assim?

— Não sei — respondi, com sinceridade. Realmente não sabia.

— Bem, pense nisso com mais calma — sugeriu minha esposa.

— E o gato, voltou?

Só então percebi que esta manhã havia me esquecido completamente do gato.

— Não, ainda não.

— Você pode dar uma olhada na vizinhança? Faz mais de uma semana que ele não aparece.

Respondi “sim” de maneira vaga e passei o fone para a mão esquerda.

— Acho que ele pode estar no quintal daquela casa vazia, no fundo do *beco* — arriscou ela. — Onde tem uma estátua de pedra com formato de pássaro. Já esbarrei com ele algumas vezes lá.

— Beco? Mas quando você foi ao beco? Você nunca me disse...

— Olha, preciso desligar. Desculpe, mas já está na hora de eu voltar ao trabalho. Não se esqueça do gato.

Ela desligou. Eu olhei o fone por um tempo, antes de devolvê-lo ao gancho.

Afinal, por que Kumiko tinha que ir ao beco? Para ir ao beco, precisava pular o muro de blocos de concreto do nosso quintal, e ela não tinha nenhum motivo para fazer isso.

Depois de tomar água na cozinha, fui ao alpendre conferir o pote de comida do gato. Os peixes secos que havia colocado na noite anterior estavam intactos. O gato não tinha voltado. De pé no alpendre, observei o pequeno quintal da nossa casa e os raios de sol dos primórdios do verão. Estava longe de ser uma vista relaxante: a terra vivia úmida e escura porque o sol só batia poucas horas do dia, e duas ou três hortênsias nada imponentes no canto representavam todo o paisagismo. E isso porque eu nem gostava muito de hortênsia. Da árvore de um vizinho, eu conseguia ouvir o canto compassado de um pássaro que lembrava o som de dar corda. Chamávamos ele de “pássaro de corda”. Kumiko fora a primeira a chamá-lo assim. Eu não sabia que espécie de pássaro era nem a aparência que tinha. De qualquer forma, esse pássaro de corda aparecia todo dia na árvore de um vizinho e dava corda no mundo silencioso que nos rodeava.

Poxa, vou ter que procurar o gato, pensei. Sempre gostei de gatos e gostava *deste* em especial. Mas os gatos levam vida de gato. São animais inteligentes. Quando um desaparece, é porque teve vontade de ir a algum lugar. Voltará um dia, quando estiver com fome e exausto. Seja como for, eu deveria procurar o gato pela Kumiko. Afinal, não tinha nada para fazer.

No início de abril, saí do escritório de advocacia onde trabalhei durante muitos anos. Não foi por um motivo específico. O trabalho não me desagradava. Não que fosse muito empolgante, mas o salário não era ruim e o ambiente era amistoso.

Para resumir em uma frase a função exercida, diria que eu era um faz-tudo especializado. Apesar disso, à minha maneira, acho que fazia um bom trabalho. Não quero me gabar, mas me considero muito competente, sobretudo com trabalhos práticos. Pego as coisas rápido, sou dinâmico, não reclamo e penso de maneira realista. Por isso, quando pedi demissão, o advogado mais velho (isto é, o pai, e não o filho: o escritório pertencia aos dois) até me ofereceu um pequeno aumento.

Mas acabei saindo de qualquer forma. Mesmo sem um objetivo definido nem uma perspectiva de futuro. Não me animava nem um pouco a ideia de me enfiar de novo em casa para estudar para o Exame da Ordem, sem contar que eu não tinha muita vontade de ser advogado. Só não queria continuar para sempre naquele escritório, fazendo o mesmo trabalho. Pensei que, se era para sair, estava na hora. Se eu continuasse ali, acabaria não fazendo outra coisa na vida. Afinal, já estava com trinta anos.

Durante o jantar, comentei com Kumiko: “Estou pensando em sair do emprego”, e ela se limitou a dizer: “Ah!”. Eu não sabia o que ela queria dizer com aquilo, e ela permaneceu calada por um tempo.

Eu também permaneci em silêncio, até que ela disse: “Se você quer sair, tudo bem. A vida é sua, e você pode fazer o que quiser”. Depois, com os palitinhos, ela começou a separar no canto do prato as espinhas do peixe.

Kumiko trabalhava como editora de uma revista especializada em alimentos saudáveis e naturais, e seu salário não era ruim. Além disso, uma editora de outra revista, que era sua amiga, lhe pedia ilustrações (ela estudou desenho durante a faculdade e seu sonho era ser ilustradora freelancer), o que proporcionava um bom dinheiro. Já eu podia receber o seguro-desemprego por alguns meses. Se ficasse em casa e fizesse as tarefas domésticas todos os dias, poderíamos economizar em restaurante, lavanderia e continuaríamos levando praticamente a mesma vida da época em que eu trabalhava.

Assim, decidi sair do meu emprego.

O telefone tocou na hora em que eu guardava os alimentos na geladeira, depois de voltar das compras. Tive a impressão de ser um toque muito impaciente. Coloquei sobre a mesa a embalagem plástica de tofu aberta até metade, fui para a sala e atendi a ligação.

— Já terminou de fazer o macarrão? — perguntou a mesma mulher da manhã.

— Já — respondi. — Mas agora tenho que procurar o gato.

— Mas você pode esperar dez minutos para fazer isso, não pode? Procurar um gato não é como preparar macarrão.

Não sei por que, não consegui desligar o telefone. Algo na voz daquela mulher prendia minha atenção.

— Tudo bem, mas só dez minutos — cedi.

— Então a gente pode se entender bem, não é? — perguntou ela, baixinho. Senti que ela se ajeitou na cadeira e cruzou as pernas para ficar mais confortável.

— Será mesmo? Afinal, são só dez minutos.

— Talvez dez minutos sejam muito mais do que você imagina.

— Você me conhece mesmo?

— Claro. Nos encontramos várias vezes.

— Quando, onde?

— Um dia, em algum lugar. Se eu explicar esses detalhes, dez minutos não serão suficientes. O importante é o presente, certo?

— Mas você poderia me dar alguma prova de que me conhece?

— Por exemplo?

— Quantos anos eu tenho?

— Trinta — respondeu a mulher, sem hesitar. — Trinta anos e dois meses. Acertei?

Eu não disse nada. Ela me conhecia mesmo. Mas, por mais que eu tentasse, não conseguia me lembrar daquela voz.

— Então agora é a sua vez de tentar imaginar como eu sou — disse a mulher. — A partir da minha voz, tente imaginar como eu sou. Quantos anos eu tenho, onde estou, como é a minha aparência, essas coisas.

— Não sei.

— Tente.

Olhei o relógio. Só tinha passado um minuto e cinco segundos.

— Não sei — repeti.

— Então vou contar. Agora estou na cama. Acabei de tomar uma ducha e estou completamente nua.

Eu não disse nada e balancei a cabeça. Parecia até que estava ouvindo uma fita pornô.

— Será que eu deveria colocar uma calcinha? Ou você prefere meia-calça? É mais excitante?

— Tanto faz. Você que sabe. Se quiser colocar algo, coloque. Se quiser ficar nua, fique. Seja como for, não me interessa por esse tipo de conversa pelo telefone. Desculpe, tenho que...

— Só dez minutos. Você não vai perder tanto tempo assim se gastar dez minutos comigo, não é? Apenas responda. Você prefere que eu fique nua ou que coloque alguma coisa? Tenho de tudo, sabe? De calcinha preta rendada...

— Pode continuar assim — interrompi.

— Prefere que eu continue completamente nua?

— É, prefiro — respondi. Passaram-se quatro minutos.

— Meus pelos pubianos ainda estão molhadinhos — prosseguiu ela. — Como não enxuguei direito com a toalha, ainda estão molhados e quentes. E bem macios. Bem pretos e macios. Pode passar a mão.

— Desculpe, mas...

— O que está embaixo também está bem quente e bem molhadinho. Como manteiga derretida. Bem quente mesmo. Sabe como estou? Com o joelho direito levantado e a perna esquerda estendida para o lado, igual os ponteiros de um relógio marcando dez e cinco.

Pelo tom de sua voz, eu sabia que ela não mentia. Estava com as pernas abertas, formando aquele ângulo exato, e o seu sexo estava úmido e quente.

— Passe a mão nos meus lábios. Devagarinho. Agora abra a minha boca. Devagarinho. Acaricie com o dedo. Assim, bem devagar. Acaricie o meu seio esquerdo com a outra mão. Assim, de baixo para cima, com jeitinho, segurando o bico de leve. Agora repita esse movimento várias vezes, até eu gozar.

Desliguei o telefone sem falar nada. Deitei no sofá e suspirei fundo, observando o relógio de mesa. Havia falado com a mulher por cinco ou seis minutos.

Cerca de dez minutos depois o telefone voltou a tocar, mas não atendi. Tocou quinze vezes e parou. Depois um silêncio profundo e sepulcral envolveu o ambiente.

Um pouco antes das duas, pulei o muro de blocos de concreto do quintal de casa e saí no beco. Falo beco, mas não é um beco no sentido literal da palavra. Na verdade, é algo que não tem nome. Para ser preciso, não era nem sequer um caminho. Um caminho é uma passagem com uma entrada e uma saída e que leva a algum lugar. E nesse beco não havia nem entrada nem saída e não se podia seguir nem para um lado nem para outro. Nem para beco sem saída servia, já que um beco sem saída ao menos tem uma entrada. Os vizinhos chamavam essa ruazinha de *beco* por conveniência. Tinha cerca de trezentos metros de comprimento e se estendia como que costurando os quintais dos fundos das casas. Contava com pouco mais de um metro de largura, mas em alguns trechos havia cerca desalinhada ou objetos abandonados, de modo que várias vezes precisei ficar de lado para poder passar.

Reza a lenda — quem me contou foi meu tio, que alugava a casa para nós por um preço bem baixo — que antigamente o beco tinha uma entrada e uma saída, e servia de atalho de uma rua a outra. No entanto, durante o período de rápido crescimento econômico do Japão, quando casas novas começaram a brotar em terrenos que antes eram baldios, o atalho foi se estreitando e a sua entrada foi fechada pelos moradores, que não gostavam que estranhos transitassem no quintal da frente ou dos fundos de suas casas. No começo, a ruazinha era protegida apenas por uma cerca modesta, mas um dos vizinhos ampliou seu quintal e fechou completamente uma das entradas, com o muro de blocos de concreto. Depois, como em resposta, a outra entrada também foi bloqueada por uma cerca de arame farpado que não permitia nem a passagem de um cão. Como os moradores já não usavam muito essa passagem, ninguém reclamou, mesmo com as duas

entradas fechadas. Além do mais, pensando pelo lado da segurança, era até melhor assim. Por isso ninguém mais usava esse beco, ele era um canal abandonado, não passava de uma zona morta entre as casas. Ervas daninhas cresciam no chão e aranhas teciam teias pegajosas por todos os cantos.

O que minha esposa tinha ido fazer num lugar daqueles? Eu não tinha ideia. Eu mesmo só entrara umas duas vezes nesse “beco”. Sem contar que Kumiko detestava aranhas. *Tudo bem, pensei. Se Kumiko quer que eu procure o gato no beco, vou procurar.* Era bem melhor sair para caminhar do que ficar em casa esperando o telefone tocar.

Os raios de sol dos primórdios do verão desenhavam contra o chão sombras irregulares dos galhos das árvores espalhados pelo beco. Como não batia vento ali, as sombras pareciam manchas permanentes marcadas no chão. Não havia um único barulho e parecia possível ouvir até o som da respiração das folhas que recebiam os raios de sol. Algumas nuvenzinhas flutuavam no céu, nítidas e precisas como o fundo de uma gravura da Idade Média. Tudo o que eu enxergava era tão assustadoramente nítido, que meu corpo parecia algo vago que se misturava com o ambiente. Além de tudo, fazia um calor terrível.

Embora eu estivesse de camiseta, calça de algodão leve e tênis, comecei a suar embaixo dos braços e no meio do peito, depois de dar alguns passos sob o sol. Naquela manhã, havia tirado a camiseta e a calça da caixa de roupas de verão, e o cheiro de naftalina invadia meu nariz.

As casas do beco podiam ser divididas em antigas e novas. Em sua maioria, as novas eram menores, com um pequeno quintal. O varal de roupas invadia o beco e, de vez em quando, eu precisava passar por uma fileira de toalhas, camisas e lençóis. Chegava a ouvir com clareza o som de tv e o barulho da descarga do banheiro, e sentia o cheiro do curry no ar.

Já das casas mais antigas não havia nenhum sinal de gente. Inúmeras espécies de arbustos e de kaizukas tapavam a visão, mas entre eles dava para ver amplos quintais bem cuidados.

No canto de um dos quintais havia um solitário pinheiro de natal, seco e marrom. Outro quintal estava abarrotado de todo tipo de brinquedo de criança, como se resquícios de infância de diversas

peessoas tivessem sido reunidos e espalhados. Triciclos, argolas, espadas de plástico, bolas, tartarugas, tacos e tantos outros. Havia um quintal com cesta de basquete e outro com um belo conjunto de móveis de jardim, com cadeiras e uma mesa de cerâmica. Aparentemente, as cadeiras brancas não eram usadas há meses (ou anos) e estavam cobertas de terra e pó. Em cima da mesa haviam se esparramado pétalas de magnólia, levadas pelo vento e pela chuva.

Consegui ver parte da sala de uma das casas pela janela de vidro com armação de alumínio: havia um sofá de couro, uma tv enorme, uma prateleira (e sobre ela um aquário com peixes tropicais e dois troféus de algum campeonato) e uma luminária de piso decorativa. Parecia o set de uma novela. No quintal de outra casa, avistei um enorme canil com a porta aberta, mas sem cães dentro. A tela de arame cedera um pouco, como se alguém tivesse ficado encostado nela por meses a fio.

A casa vazia mencionada por Kumiko ficava um pouco depois da casa com o canil. À primeira vista já dava para notar que estava desocupada, e não me refiro a dois ou três meses. Embora essa casa de dois andares fosse relativamente nova, as persianas de madeira já pareciam bem velhas por ficarem fechadas por tanto tempo e o peitoril da janela do andar de cima estava enferrujado. No pequeno quintal havia realmente uma estátua de pedra com formato de pássaro com as asas abertas, cujo pedestal era mais ou menos da altura do peito de um adulto. Ervas daninhas cresciam imponentes ao seu redor, e as pontas mais altas dos arbustos chegavam até os pés da estátua. O pássaro — eu não sabia a espécie — parecia estar com as asas abertas para alçar voo e fugir o mais depressa possível daquele lugar desagradável. Além da estátua, não havia nada de decorativo no quintal. Perto da parede, velhas cadeiras de jardim feitas de plástico estavam empilhadas sob o beiral e, ao lado, azaleias de um vermelho gritante floresciam e não pareciam de verdade. Fora isso, apenas ervas daninhas.

Encostado na cerca de tela que chegava até o meu peito, fiquei observando o quintal por um tempo. Sem dúvida aquele jardim agradaria ao gato, mas ele não estava ali. Havia apenas um pombo, empoleirado na ponta da antena de tv no telhado e arrulhando sons monótonos. Desfazendo-se em incontáveis fragmentos, a sombra do

pássaro de pedra caía sobre as folhas das ervas daninhas que cresciam exuberantes.

Tirei do bolso uma bala de limão, abri e coloquei na boca. Havia decidido parar de fumar depois de pedir demissão, mas não conseguia abandonar as balas de limão que assumiram o lugar do cigarro. “Você está viciado em bala de limão”, dizia minha esposa. “Vai acabar ficando cheio de cáries.” Apesar das reprimendas, eu não conseguia largar aquele vício. Enquanto eu observava o quintal, o pombo continuou arrulhando na antena, sempre mantendo o ritmo, como um funcionário que contasse as notas de um maço de dinheiro. Não sei dizer quanto tempo fiquei encostado na cerca de tela. Lembro que cuspi a bala, que ficou doce demais, quando estava pela metade. Depois voltei a contemplar a sombra da estátua de pedra com formato de pássaro. Nesse instante, senti que alguém me chamava, lá atrás.

Quando me virei, vi uma garota de pé no quintal dos fundos da casa da frente. Era baixinha e tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo. Usava óculos escuros com aros de cor âmbar e vestia uma regata azul-clara da Adidas. Os braços finos expostos estavam completamente bronzeados, apesar de ainda ser a temporada de chuvas. Ela estava com uma mão no bolso do short e a outra sobre o portão de dobradiças de bambu que alcançava a sua cintura, apoiando-se de maneira instável. Estávamos a cerca de um metro de distância.

— Que calor — comentou a garota.

— Nem me fale — respondi.

Ela continuou me encarando sem mudar de posição e, em seguida, tirou um maço de cigarros Hope do bolso do short, puxou um e o levou à boca. Sua boca era pequena, e o lábio superior estava levemente virado para cima. Acendeu o cigarro com um fósforo, como alguém familiarizado com o movimento. Quando ela inclinou a cabeça, pude ver sua orelha: era lisa e bonita, como se tivesse recém-saído da forma. Pelos finos e curtos brilhavam no contorno fino da orelha.

Ela jogou o fósforo no chão e soltou a fumaça, estreitando os lábios. Depois levantou o rosto na minha direção, como se tivesse se lembrado de mim. Os óculos escuros refletiam a luz, então não consegui ver os olhos dela por trás das lentes.

— Você mora aqui perto? — perguntou a garota.

— Moro, sim — respondi.

Tentei apontar para a direção da minha casa, mas já não sabia onde ela ficava. Afinal, para chegar até ali, eu havia dobrado em curvas tortuosas, de ângulos esquisitos. Por isso, disfarcei e apontei uma direção qualquer.

— Estou procurando um gato — continuei, esfregando as palmas das mãos suadas na calça, como se me desculpasse. — Faz uma semana que ele não aparece e alguém comentou que o viu por aqui.

— Como é o gato?

— É grande, marrom listrado e tem a ponta do rabo um pouco curvada.

— Como se chama?

— Noboru — respondi. — Noboru Wataya.

— É um belo nome para um gato.

— Na verdade, é o nome do irmão mais velho da minha esposa. Como o gato era parecido com ele, colocamos o nome de brincadeira.

— Parecido como?

— É difícil de explicar... as atitudes, o modo de andar, o olhar lânguido, essas coisas.

A garota abriu um sorriso pela primeira vez. Ao sorrir, me pareceu bem mais nova do que tinha achado na primeira vez em que a vi. Devia ter uns quinze ou dezesseis anos. O lábio superior virado levemente para cima apontava para o céu em um ângulo curioso. *Acaricie*, tive a impressão de ter ouvido alguém sussurrar. Era a voz daquela mulher no telefone. Eu limpei o suor da testa com a costa da mão.

— É um gato marrom listrado, com a ponta do rabo um pouco curvada? — repetiu a garota, como se confirmasse. — Tinha coleira ou algo assim?

— Estava com uma coleira preta, antipulga.

Com a mão sobre o portão de bambu, ela ficou pensando por dez ou quinze segundos. Em seguida jogou a ponta de cigarro no chão e pisou com a sola da sandália.

— Talvez eu tenha visto esse gato — disse ela. — Não reparei no rabo, mas era um gato marrom, grande e com listras. Acho que tinha uma coleira.

— Quando foi isso?

— Hum, deixa eu ver... Hum, nos últimos três ou quatro dias. O quintal de casa serve de trilha para os gatos da vizinhança. Por aqui passam gatos de todos os tipos. Eles entram pelo quintal do sr. Takitani, atravessam o nosso e vão para o quintal do sr. Miyawaki.

Ela apontou a casa vazia de frente para a sua. No quintal, o pássaro de pedra continuava com as asas abertas, as ervas daninhas recebiam os raios de sol dos primórdios do verão e o pombo seguia arrulhando monotonamente sobre a antena de TV.

— Já sei. Não quer esperar comigo, no quintal de casa? Todos os gatos passam por aqui antes de seguir adiante. Além do mais, se você ficar perambulando por aí, pode ser confundido com um ladrão e alguém pode chamar a polícia. Já aconteceu algumas vezes.

Eu fiquei sem saber o que fazer.

— Não se preocupe. Não tem ninguém em casa além de mim. Podemos esperar o gato enquanto tomamos sol no quintal. Eu tenho olhos de lince e posso ser útil.

Conferi o relógio. Eram duas e trinta e seis. Tudo o que eu precisava fazer antes de anoitecer era recolher as roupas do varal e preparar o jantar.

Abri o portão de bambu, entrei e segui a garota pelo gramado. Percebi que ela arrastava levemente a perna direita. Depois de dar mais alguns passos, ela parou e se virou para mim.

— Tive um acidente de moto. Estava no carona e caí — disse ela, como se fosse algo sem importância. — Já faz um tempinho.

Havia um grande pé de carvalho no fim do gramado e, debaixo, duas espreguiçadeiras de lona. No encosto de uma estava estendida uma grande toalha azul e, na outra, estavam atirados um maço fechado de cigarro, um cinzeiro, um isqueiro, um grande toca-fitas portátil e uma revista. Do rádio ecoava baixinho um rock pesado. A garota colocou os objetos espalhados na espreguiçadeira sobre o gramado, fez sinal para que eu sentasse e desligou a música. Da espreguiçadeira de lona, dava para ver entre as árvores a casa vazia que ficava do outro lado do beco. Dava para ver também a estátua de pedra com formato de pássaro, os arbustos e a cerca de tela. Ela provavelmente tinha me observado dali.

O quintal era amplo. O gramado formava uma ligeira inclinação, e havia árvores esparsas. À esquerda das espreguiçadeiras, se encontrava um grande tanque de concreto, que parecia não ser usado há muito tempo e cujo fundo descolorido verde-claro estava exposto ao sol. Atrás das árvores dos fundos tinha uma casa antiga em estilo ocidental, que não era grande nem parecia muito luxuosa. Apenas o quintal era amplo e relativamente bem cuidado.

— Deve dar trabalho cuidar de um quintal tão grande assim — comentei, olhando à volta.

— Pois é — ela se limitou a dizer.

— Já fiz bico numa empresa que corta grama — eu disse.

— Ah, é? — perguntou ela, com uma voz que não demonstrava interesse.

— Você sempre fica sozinha em casa?

— Fico. Durante o dia, sempre fico sozinha aqui. De manhã e à tarde, vem uma senhora que nos ajuda, mas o resto do tempo sempre passo sozinha. Olha, você não gostaria de tomar alguma coisa gelada? Tem cerveja em casa.

— Não, obrigado.

— Tem certeza? Não precisa fazer cerimônia.

Balancei a cabeça negando.

— Você não vai pra escola?

— E você não vai pro trabalho?

— Mesmo que eu quisesse, não tenho trabalho.

— Você está desempregado?

— Tecnicamente, sim. Larguei o emprego um tempo atrás.

— Você trabalhava em quê?

— Eu era uma espécie de faz-tudo de um escritório de advocacia. Ia aos órgãos públicos reunir documentos, organizava processos, verificava a jurisprudência, tratava da parte burocrática nos fóruns, essas coisas.

— Mas você pediu demissão.

— Pedi.

— Sua esposa trabalha?

— Trabalha, sim.

Quando me dei conta, o pombo que arrulhava no telhado da casa da frente já tinha sumido. De repente percebi que estava cercado por um profundo silêncio.

— Os gatos sempre passam por lá — a garota apontou para depois do gramado. — Está vendo o incinerador atrás da cerca da casa do sr. Takitani? Então, eles aparecem daquele canto, atravessam o gramado, passam por baixo do portão de bambu e vão para o quintal da casa da frente. Sempre o mesmo trajeto.

Ela levantou os óculos escuros, apertou os olhos, sondou o entorno, colocou os óculos de novo e soltou uma baforada. Quando tirou os óculos, deu para ver uma cicatriz de mais ou menos dois centímetros no canto do olho esquerdo. Era bem profunda e provavelmente nunca desapareceria. A garota deveria usar óculos bem escuros para esconder aquela marca. Seu rosto não era exatamente bonito, mas tinha algo que chamava atenção. Seria pela vivacidade dos olhos e pelos lábios peculiares?

— Você conheceu o sr. Miyawaki?

— Não.

— Ele morava nessa casa vazia. Uma família bem normal. Tinha duas filhas, que estudavam em um colégio particular bem conhecido, exclusivo para meninas. Ele tinha uma cadeia de restaurantes.

— Por que a família se mudou?

Ela fez um beicinho com os lábios, como se dissesse *não sei*.

— Deve ter sido por dívidas ou algo assim. Eles sumiram de repente, às pressas, como se fugissem na calada da noite. Acho que faz um ano, mais ou menos. Minha mãe vive reclamando porque as ervas daninhas crescem sem parar, cada vez junta mais gatos e é perigoso.

— Junta tanto gato assim?

A garota contemplou o céu com o cigarro na boca.

— Junta todo tipo de gato. Sem pelo, vesgo... Tem um com um olho a menos e, no lugar, um bolo de carne caído. Não é assustador?

Assenti com a cabeça.

— Eu tenho uma parente que tem seis dedos — prosseguiu a garota. — Ela é um pouco mais velha do que eu e, do lado do minidinho, tem um dedinho que parece de bebê. Mas não dá para ver direito porque normalmente ela dobra com jeito. Ela é bem bonita.

— É mesmo?

— Você acha que isso é de família? Como posso dizer... hereditário?

— Não faço ideia.

Ela permaneceu um tempo calada. Com a bala na boca, continuei observando fixamente a trilha dos gatos. Não apareceu nenhum.

— Tem certeza de que não quer tomar alguma coisa? Eu vou buscar uma Coca — disse a garota.

— Não quero nada, obrigado — respondi.

Ela se levantou da espreguiçadeira de lona e desapareceu atrás das árvores, arrastando de leve a perna. Eu apanhei a revista do chão e dei uma folheada: para meu espanto, era uma revista masculina. Nas páginas centrais, havia uma mulher sentada num banco, com as pernas bem abertas, em uma posição pouco natural. A calcinha transparente deixava à mostra o formato da genitália e os pelos pubianos. Voltei a colocar a revista no chão, cruzei os braços sobre o peito e fiquei observando outra vez a trilha dos gatos.

Depois de muito tempo, a garota voltou com um copo de Coca. Era uma tarde quente e, como eu tinha ficado direto no sol na espreguiçadeira, estava zozzo e sem muito ânimo para pensar.

— Ei, se você se apaixonasse por uma garota e descobrisse que ela tinha seis dedos, o que faria? — perguntou a garota, querendo voltar ao assunto.

— Venderia ela pro circo.

— Sério?

— Não, brincadeira — falei, rindo. — Acho que eu não ligaria.

— Mesmo que isso pudesse passar para os filhos?

Refleti um pouco.

— Acho que não ligaria. Um dedo a mais não atrapalharia muito.

— E se ela tivesse quatro seios?

Voltei a pensar.

— Não sei — admiti.

Quatro seios? Ela poderia ficar falando essas coisas por muito tempo, então resolvi mudar de assunto.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis — respondeu a garota. — Acabei de fazer dezesseis. Estou no primeiro ano do segundo grau.

— Mas você não vai mais pra escola?

— Quando eu ando muito, a minha perna começa a doer. E tenho uma cicatriz no canto do olho. Como é uma escola muito rígida, se alguém da diretoria descobrir que eu caí de moto e me machuquei, vou ter problemas... Então estou, supostamente, faltando por motivo de doença. Não me importo em perder o ano. Não tenho pressa em me formar.

— Ah, é?

— Mas, voltando ao assunto, você disse que poderia se casar com uma garota com seis dedos, mas não com uma garota com quatro seios, certo?

— Não disse que não poderia, e sim que não sabia.

— E por que não?

— Não consigo imaginar a cena direito.

— Mas uma garota com seis dedos você consegue imaginar?

— Até certo ponto.

— Qual é a diferença? Ter seis dedos ou quatro seios dá no mesmo, não?

Eu novamente pensei a respeito, mas não encontrei uma explicação plausível.

— Você acha que faço perguntas demais?

— Já disseram isso para você?

— Algumas vezes.

Eu voltei a olhar a trilha dos gatos. *Afinal, o que estou fazendo aqui?*, pensei. Não apareceu nenhum gato até agora. Continuava com os braços cruzados sobre o peito e fechei os olhos por uns vinte ou trinta segundos. Imóvel, de olhos fechados, sentia o suor brotar de diversas partes do corpo. A luz do sol, estranhamente pesada, me pressionava. A garota balançou o copo de Coca, e os cubos de gelo produziram um som semelhante ao de um sino de vaca.

— Se estiver com sono, pode dormir. Acordo você quando o gato passar — avisou a garota, baixinho.

Assenti com a cabeça em silêncio, ainda com os olhos fechados.

Não ventava e não se ouvia um único barulho. O pombo parecia ter ido para bem longe. Pensei na desconhecida do telefone. Será que eu conhecia aquela mulher? Sua voz e seu modo de falar não me soavam familiares. Mas ela me conhecia bem. Como em um quadro de Chirico, apenas a sombra comprida da mulher atravessava a rua e se estendia para a minha direção. Porém, sua substância estava bem longe do domínio da minha consciência. O telefone continuava tocando sem parar no meu ouvido.

— Você está dormindo? — perguntou a garota, em uma voz quase inaudível.

— Não.

— Posso chegar mais perto? Prefiro falar baixinho.

— Pode — respondi, de olhos fechados.

Aparentemente, a garota arrastou a espreguiçadeira dela e a encostou à minha. Ouvi um barulho seco de armações se tocando.

Que estranho. A voz da garota parecia completamente diferente quando eu ouvia de olhos abertos e quando ouvia de olhos fechados.

— Posso falar um pouco? — perguntou ela. — Vou falar bem baixinho, você não precisa responder e pode até dormir, se quiser.

— Tudo bem.

— A morte é fascinante, não é?

Como ela falava ao pé do meu ouvido, as palavras entraram sorrateiramente, junto com a respiração úmida e quente.

— Por quê? — perguntei.

Ela levou o dedo aos meus lábios, como se os selasse.

— Não faça perguntas — sentenciou. — Nem abra os olhos. Entendeu?

Eu fiz um leve aceno, tão leve como a voz dela.

Ela tirou o dedo da minha boca e o colocou no meu pulso.

— Adoraria ter um bisturi e fazer uma dissecação. Não de um cadáver, mas de algo como um *pedaço de morte*. Tenho a impressão de que existe algo assim em algum lugar. Deve ser algo macio e consistente, como uma bola de softbol, só que com nervos paralisados. Adoraria dissecar um cadáver e tirar isso de dentro. Sempre penso a respeito, em como seria dentro. Talvez exista algo duro, como pasta de dente que endureceu dentro da embalagem. Não acha? Bem, não